

Ainda a recorrência a um tema religioso/social em *Caim* de José Saramago

ANTÓNIO JOSÉ BORGES¹

(Escritor)



Resumo: *Caim* é a recorrência ensaística de uma ficção que busca alertar os mais incautos para todas as formas de poder, seja religioso, político ou outro. Tendo como ponto de partida a Bíblia e a história de Caim e Abel, estabelecendo breves pontes com os romances *O Evangelho segundo Jesus Cristo* e *Memorial do convento*, o autor cumpre com a função da palavra de um prêmio Nobel que desperta a sociedade e usa da máxima ironia para estender o pano das acções divinas censuradas pelo homem que ousou olhá-Lo nos olhos e admitir a sua simples humanidade imperfeita.

Palavras-chave: Ficção; Ironia; Religião; Bíblia; Poder

Abstract: *Cain* is the recurrence of a fiction essay that seeks to alert the unwary more for all forms of power, whether religious, political or otherwise. Taking as a starting point and the Bible story of Cain and Abel, establishing bridges with the novels *The Gospel according to Jesus Christ* and *Baltasar and Blimunda*, the author fulfills the function of the word of a Nobel Prize awakening society and uses the maximum irony to extend the backdrop of divine action censored by the man who dared to look at Him in the eye and admit his simple humanity imperfect.

Keywords: Fiction; Irony; Religion; Bible; Power

Mais uma vez o ensaísta/sociólogo que eximamente escreve romances, José Saramago, tenta servir a sociedade, a humana causa humana divina, recorrendo a um dos seus mais caros cavalos de batalha: o tema religioso/social. Na verdade, em *Caim* o autor deixa no papel a necessidade de entendermos mais uma das suas ousadas tentativas de conversar com Deus – tentativa esta que justamente se afirma como a rejeição da crença no nada que não consegue evitar, Deus, mas que nega na tradição em que Este é visto e valorizado.

Na abertura do livro, Saramago, retomando a letra inicial minúscula para designar “deus”, começa por se

debruçar sobre a questão da origem da fala no jardim do Éden, indiciando o discurso ensaístico característico da sua prosa. Na liberdade discursiva usa amiúde da ironia, caracterizando o livro *Caim* como a “instrutiva e definitiva história de caim”,² mas ressaltando que o romance é uma narrativa composta “passo a passo com melindres de historiador”.³

Já no *Memorial do convento*, se não quisermos recuar mais, obra que faz notar uma grande investigação histórica, o tema religioso/social, em que Deus é convocado, é recorrentemente abordado de forma irónica quando usa expressões como “Queira Deus...”⁴

¹ António José Borges nasceu em Portugal, na cidade do Peso da Régua, no Douro. É licenciado em Ensino de Português e Alemão, pela Universidade do Minho, tendo frequentado ao abrigo do Programa Sócrates/Erasmus a Ruhr Universität Bochum, na Alemanha. É mestre em Ensino da Língua e Literatura Portuguesas, pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, com o trabalho intitulado *Da Cegueira à Lucidez – Um Percorso Ideológico e Literário*, onde faz a análise de um percurso da obra de José Saramago. Foi professor de Literatura Portuguesa Contemporânea, entre outras disciplinas, na Universidade Nacional Timor Lorosa’e, leccionou Português na Escola Alemã de Lisboa e actualmente é professor de Português na Escola Fernando Namora. Tem dois livros publicados: um de crónicas, com o título *Timor – As Rugas da Beleza* e outro de poemas, de edição bilingue e com ilustrações, com o título *de olhos lavados/ho matan moos*. Como autor, também faz parte da antologia de textos durienses

contemporâneos *Palavras que o Douro Tece*. Colabora com textos de diferentes géneros em várias revistas e profere palestras, no âmbito da análise literária, com alguma regularidade. Neste momento mora em Lisboa, onde desenvolve a sua actividade profissional. É membro da Associação Portuguesa de Escritores e da Sociedade da Língua Portuguesa, cronista permanente nas revistas *Tribuna Douro* e *Contrabando*, esta última bilingue, e faz parte do Conselho Editorial da revista *Nova Águia* e da Comissão Executiva do Movimento Internacional Lusófono. Também é tradutor de Inglês-Português e Alemão-Português e consultor editorial da Porto Editora.

² SARAMAGO, José. *Caim*. Lisboa: Caminho, 2009, p. 15.

³ Idem, p. 16.

⁴ SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. Lisboa, Editorial Caminho, 2005. Referência que pode ser comprovada nas páginas 21, 53, 54, 55, 56, 57, tomando só estas como exemplo.

Por sua vez, em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* o autor abala certos alicerces da fé e da razão, recorrendo ao discurso do óbvio para reafirmar as suas convicções, numa história contada com uma imaginação magistralmente fundamentada e que nos atinge com o seu (do autor) revelado alfinete do gnosticismo; em que explica Judas de Iscariote, baptizado por João o Baptista, e o desmistifica mitificando-o; por fim, em que Jesus acaba enganado, pois Deus era o Diabo e o Diabo era Deus.

À semelhança do romance *Caim*, que procuraremos esmiuçar, *O Evangelho segundo Jesus Cristo* é justamente uma obra de reflexão que apela à mesma, indo em busca “de um destino maior que simples vida”⁵ e ensaiando que o nascer é quando alguém, sem o pedirmos, “nos extraiu de um limbo sem memória para largar-nos numa vida que seria nada sem ela”.⁶

Donde, um dos núcleos religioso-sociais em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* reside no diálogo entre Maria e o anjo, que veicula nuclearmente o propósito essencial do romance: “(...) Disse o anjo, Sobre a cabeça dos filhos há-de sempre cair a culpa dos pais, a sombra da culpa de José já escurece a frente do teu filho”.⁷ Recorde-se que no romance que fazemos crescer na nossa consciência ao lado do *Caim* José é co-responsável indirecto, mas moral, de um assassinio em massa, por saber e não ter avisado a aldeia onde viriam a morrer às mãos dos soldados de Herodes os meninos de Belém com menos de três anos, dando-se assim a matança dos inocentes. Preferiu manter a protecção a Jesus e Maria, que viviam numa cova fora da aldeia e que assim não foram vistos. Num rasgo de lucidez, podemos ler a dada altura: “No espírito de Jesus a ideia acabou de formar-se, quis sair para fora do corpo mas a língua travou-lhe a passagem, enfim, com uma voz temerosa de si mesma disse, O pai sabia que os meninos iam ser mortos”.⁸

É legítimo encarar que no final do romance *Caim* há um cruzamento com o momento em que em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* é ponderada a possibilidade de Jesus perguntar a Deus: “Quando chegará, Senhor, o dia em que virás a nós para reconheceres os teus erros perante os homens”.⁹ Este excerto resume a opinião saramaguiana de Deus. Ora, no final do romance que motiva este artigo ensaístico *Caim* replica a Deus, em tom de admoestação: “Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face”.¹⁰

Tanto numa como noutra obra, o autor, não raras vezes, justifica o romance exercitando a sua arte de argumentar. Diz, precavendo censuras às suas necessárias prolixidades:

Não faltará já por aí quem esteja protestando que semelhantes miudezas exegéticas em nada contribuem para a inteligência de uma história afinal arqui-conhecida, mas o narrador deste evangelho não parece que seja a mesma coisa, tanto no que toca ao passado como no que ao futuro há-de tocar, ser-se anunciado por um anjo do céu ou por um anjo do inferno, as diferenças não são apenas de forma, são de essência, substância e conteúdo, é verdade que quem fez uns anjos fez os outros, mas depois emendou a mão.¹¹

Justamente por todas as situações relatadas no livro, como a da negociação entre Eva e o anjo querubim à entrada do Jardim do Éden; o relato do relacionamento entre *Caim* e *Lillith*; ou a construção dos diálogos entre Deus e *Caim*, num início já avançado e no fim da história, o romance apresenta-se ousado e à semelhança do que Saramago ainda tem para dizer e como o diz.

Em jeito de reflexão intermédia, numa perspectiva religioso-filosófica da crença ou não em Deus, que é o que está sempre em causa, quer se fale de *Caim* ou de outra figura, importante ou não, da história das religiões, ou seja qual for o livro em questão, as Bíblias, católica e protestante, a Tora, o Alcorão ou o Rig-Veda, um crente é um optimista que possui um dom, talvez porque acredite que Deus criou o universo para o homem o explorar e o colonizar. Mas que crente é afinal este? É um crente diferente daquele que apenas não quer morrer e por isso vê em Deus a salvação e a eternidade? Segundo o primeiro género de crente, Deus fez o mundo, deixou-o à vontade do homem e não está aqui para proteger ninguém. O critério é do homem. O Diabo não é um anti-Deus, é o poder do mal, mas não tem a vitória final. Será essa vitória final a de Cristo, de Maomé, do regresso do Messias, ou a evidência do espírito supremo cósmico?

É sabido que, não raras vezes, a filosofia choca com a teologia, mas será que os filósofos retiram da teologia a essência das coisas? E quanto à filosofia indiana, sendo que é anterior à grega, retira da crença divina a essência das coisas? Desde logo, como motivação e só esta, de referir que na Índia além dos quatro elementos água, ar, terra e fogo acrescentam o espaço, o além misterioso. Fica aqui a semente que o dever de quem escreve deve sempre deixar na atenção dos leitores e ouvintes que reparam no que lêem e ouvem.

Correlacionando factos e ideias, na verdade, as nanotecnologias e todas as outras modernidades do conhecimento científico explicam o mensurável, o que podem explicar, mas quando chegamos a outros problemas humanos, à humanização das realidades, não têm uma

⁵ SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1997. Sobre este assunto, sugerimos a leitura do capítulo que vai da página 429 a 445.

⁶ Idem, p. 219.

⁷ Idem, p. 116.

⁸ Idem, p. 187.

⁹ Idem, p. 144.

¹⁰ SARAMAGO, José. *Caim*. Op. cit., p. 180.

¹¹ SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Op. cit., p. 127.

explicação científica, sendo que só a crença, a poesia ou a filosofia poderão explicar, ou tentar explicar, certos fenómenos. Para os crentes de que falámos há pouco, um certo género de optimistas – tendo em conta que o mundo tem à volta de 100.000.000 de galáxias e cada uma tem também cerca de 100.000.000 de estrelas e o Big Bang, diz-se numa certa teoria, é o início – o Divino faz uma ligação entre este início e o fiat lux (o génesis), pois Deus está antes da matéria. Por não se entender muito bem o tipo de ligação que existe, então resta o mistério, o leitmotiv do progresso tecnológico humano no sentido do além cósmico.

Depois deste necessário desvio que empreendemos nesta exposição da nossa ânsia, que é de fraternidade, voltamos ao livro *Caim*, de onde justamente nunca saímos realmente. A recorrência a um tema religioso/social é referida logo à entrada do livro, quando a propósito da possibilidade de ter sido Set, terceiro filho de Adão e Eva, a ter a ideia de criar uma religião. A este propósito diz o autor: “(...) mas desses delicados assuntos já nos ocupámos avonde no passado (...)”.¹²

Tentando desassossegar-nos com as perspectivas sinistras do livro fundador de várias religiões e nuclear na civilização ocidental, somos colocados perante os crimes do romance, que são ficções mas deixam no ar o efectivo questionamento da legitimidade de Deus, que iniciou a história da humanidade com uma proibição, depois uma expulsão e por fim um crime. Neste(s) último(s) aspecto(s) reside a força maior e mais imaginativa do romancista, que sempre parte do impossível ou do improvável no seu carácter fantástico e aqui nos propõe o possível, quem sabe até o provável.

O início da trama narrativa é também inaugurado com o desenvolvimento da história de Caim e Abel. Oscilando entre a palavra prática, a vernácula e a poética, o nosso autor, usando de uma imagem poética, adianta: “(...) Até que um dia o futuro entendeu que já era hora de se apresentar”.¹³ Refere-se às oferendas de Abel e Caim a Deus. O desenlace é conhecido: Caim, o filho mais velho de Adão e Eva, supostamente o casal fundador da humanidade, mata por inveja o seu irmão Abel.

Em exercício de analogia, a história quase se viria a repetir mais tarde, mostrando que não raras vezes avança recuando, quando, por inveja, Saúl tentou matar David. Tentativa gorada, permita-se dizer, para bem da poesia, pois David torna-se famoso como tocador de harpa, que tocava para aplacar os acessos de loucura de Saúl. Quando se tornou rei, David compôs salmos e cantava-os com frequência, acompanhando-se com a harpa.

A Bíblia compara frequentemente o amor de Deus com o amor de uma mãe pelos seus filhos. Ironicamente, ressaltando a possibilidade de uma simbólica explicação que não está ao alcance de todos os leitores, Deus pede a Abraão que sacrifique o seu próprio filho como forma de o pôr à prova, testando assim a sua fé. Quando Abraão está quase a cumprir o desejo divino, Deus dá-lhe como alternativa o sacrifício de um carneiro. Obviamente, Saramago também analisa criticamente as causas e as consequências desta trama divina. Mas voltemos a Caim, por uma questão de não aborrecimento do leitor, que derivaria da característica de tudo dizer – noutra sentido, também o autor de *Caim* estabelece um contacto mais próximo com o leitor e justifica o rigor das “precisões toponímicas” que ali são deixadas como prova de que no que diz respeito aos locais da acção não inventa nada. Quando descreve certos pormenores já pede desculpa aos leitores pelos descomedimentos dos detalhes de que não se afirma encarregado.

Na consequência do destino de Caim, de errar pela terra, deve motivar uma atenta reflexão a opção por este se fazer passar por Abel, nomeadamente quando o faz em terra de Nod, à procura de um emprego, mentindo em relação ao seu nome, dizendo que era Abel, quem sabe para tentar distorcer a história que seria difundida...

A mentira de Caim, entre outras digressões ficcionistas, humaniza de certa forma Deus, até porque os dois chegaram a cruzar-se sem que O Todo Poderoso e Onipotente nota-se na presença do outro. A este propósito, uma vez que Deus surge também na forma humana, o romance reafirma-se espiral e magistralmente como uma obra de ficção, poisque a presença de Deus nas cenas bíblicas é quase sempre assinalada com um vento forte que tudo arrasta e abala, tendo a força de um furacão.

Ora, oportunamente na senda de determinadas interpretações da Bíblia esta não menciona o fruto que Adão e Eva comeram, embora usualmente se fale numa maçã. Portanto, o entendimento da Bíblia é e continua a ser um campo multi-interpretativo gerador de ambiguidades. Note-se que na origem das histórias bíblicas está a tradição oral que precede em muito o registo escrito.

Como uma obra de ficção despudorada, *Caim* também é um manual de maus costumes e de alguns bons. Por um lado maus costumes não tanto porque o autor use, e usa, de uma linguagem erótica que roça o pornográfico, quando descreve o relacionamento entre Lillith e Caim ou os hábitos da carne e do espírito – talvez mais do espírito e depois da carne, pois o acto carnal subversivo é uma consequência do espírito do desejo – em Sodoma e Gomorra, mas mais porque retrata traições como a de Lillith com Noah ou, saltando para o fim do enredo, os jogos sexuais adúlteros e, acima de tudo, macabros

¹² SARAMAGO, José. *Caim*. Op. cit., p. 16.

¹³ Idem, p. 36.

que se desenrolam na Arca de Noé até ao fim trágico e surpreendente da viagem. Por outro lado bons porque, não será de somenos referir, Caim é, apesar de carregar o fardo do justiceiro pelas próprias mãos, um exemplo de lucidez no meio da escuridão. Condena os actos de condenação da parte de Deus e julga-o sem o mínimo receio, mas sempre em busca da justiça humana e contra as chacinas que viu serem cometidas por Deus. Justamente, a favor da bondade de Caim abonam os momentos em que poupa a vida do homem que o tentou assassinar a mando de Noah, os choques perante os massacres de Jericó e Ai, entre outros sucedidos em que, na verdade, Caim busca, com incógnito êxito, uma vida mais digna para si.

Saramago volta a fazer uso do discurso proverbial como outra técnica de aproximação do leitor. Há advertências e, renovando, saltos, necessários perante o desnecessário de certos pormenores ausentes; o autor transmite-nos a ideia de que a verdade do mundo é feita de traição e mentira, servindo-se de voos do pensamento que elevam o carácter ficcional e fantástico do romance.

Falando de Isaac, considerando certos actos de Deus como assassínios sem misericórdia, a maquinação do livro vai endurecendo a crítica enquanto a história vai sendo desfiada.

Só lendo bem se pode criticar bem. Há no romance *Caim* transportes ideológicos para o mundo de hoje. Como metáfora de um certo homem actual, interpretamos a dado instante: “Alegria, perguntou a si mesmo, para caim nunca haverá alegria, caim é o que matou o irmão, caim é o que nasceu para ver o inenarrável, caim é o que odeia deus”.¹⁴

Em *Caim* não há uma recusa de Deus, mas sim um desafio que encerra um confronto de ideias, de factos, renovamos, que provam quão ridículo é o ser humano. É uma história de desentendimentos. No romance, Deus não só se desentende com Caim, mas também com Job e até com Noé, entre outros.

A ironia, sabemos, é uma arma terrível. Somos confrontados com ela no seu estado mais puro e humorado, quando o narrador nomeia as faculdades de Deus, logo no início do capítulo 13, na ocasião da partida da Arca de Noé na sua jornada épica:

Deus não veio ao bota-fora. Estava ocupado com a revisão do sistema hidráulico do planeta, verificando o estado das válvulas, apertando alguma porca mal ajustada que gotejava onde não devia (...) como criador, engenheiro (...) sentia-se menos como um deus que como contramestre dos anjos operários, os quais (...) esperavam a ordem de alçar a enorme embarcação.¹⁵

Até que

a uma velocidade muito maior que a do zeppelin de hindenburg, a arca sulcava os ares em direcção ao mar, onde finalmente pousou com fundo suficiente dando origem a uma vaga enorme, uma autêntico tsunami, que chegou às praias, destroçando os barcos e os casebres de pescadores, afogando uns quantos, arruinando as partes da pesca, como um aviso do que haveria de vir. Mas o senhor não mudou de opinião, os seus cálculos podiam estar errados, mas, como a prova real não havia sido tirada, ainda lhe ficava o benefício da dúvida.¹⁶

Pela hesitação que provoca no leitor, aqui temos o género Fantástico a dominar a pena do romancista.

No fecho do livro, concretamente no diálogo final entre Caim e Noé, Deus prova do seu próprio veneno por intermédio da longa trama de Caim, que elimina todos os desejados fundadores da nova humanidade. Noé descobre os meandros conspiratórios que se desenrolam sem que se tivesse apercebido e diz: “Foste tu, disse, Sim, fui eu, respondeu caim, mas em ti não te tocarei, morrerás pelas tuas próprias mãos, E deus, que dirá deus, perguntou noé, Vai tranquilo, de deus encarrego-me eu”.¹⁷

O livro termina com um diálogo entre Deus e Caim. Este confronta-O e diz-Lhe: “Teria de chegar o dia em que alguém te colocaria perante a tua verdadeira face”.¹⁸ Caim refere-se à face da traição, da conspiração. Na verdade, transportando o livro para a realidade, num exercício de reflexão ousada, a resposta de Deus não se ouviu porque o diálogo entre a representação de Caim e o Divino ainda prossegue até aos dias de hoje. O tempo presente é o do diálogo começado no desentendimento.

Como a ficção pode ser não só a melhor realidade mas também verdadeira divertidamente, a justificação da elevada actividade reprodutora do ser humano é expandida no romance quando lemos a dada altura que

É possível, embora não passe por enquanto de uma hipótese de trabalho, que a liberalidade do senhor nisto de fazer filhos tivesse que ver com a necessidade de suprir as perdas em mortos e feridos que sofriam os exércitos próprios e alheios um dia sim e outro também, como até agora se tem visto e decerto continuará a ver.¹⁹

Nota-se na parte final deste excerto uma intrínseca preocupação com o presente do futuro.

Uma conclusão que podemos retirar da leitura do romance, que deriva de uma reflexão crítica sobre a leitura dos capítulos da história da humanidade, para além de servir o propósito de deleitar os mais exigentes leitores

¹⁴ Idem, p. 149.

¹⁵ Idem, p. 169-170.

¹⁶ Idem, p. 170-171.

¹⁷ Idem, p. 179.

¹⁸ Idem, p. 180.

¹⁹ Idem, p. 109.

da ficção de elevada elaboração, é a de que o ser humano, a história o prova, passa repetidamente “da credulidade mais ingênua ao ceticismo mais resoluto”.²⁰

Antes de finalizarmos, recorremos, numa ligação intertextual, à epígrafe do padre Manuel Velho, usada como toque de entrada no romance *Memorial do convento*. Diz: “Para a forca hia um homem: e outro que o encontrou lhe dice: Que he isto senhor fulano, assim vay v. m.? E o enforcado respondeo: yo no voy, estes me lleban”.²¹ Assim sendo, também a relativa liberdade humana perante o Divino, ou o destino é salientada quando junto à Arca de Noé Deus e Caim conversam:

Não me disseste que vieste aqui fazer, disse deus, Nada de especial, senhor, aliás não vim, encontrei-me cá, Da mesma maneira que te encontraste em sodoma ou nas terras de us, E também no monte sinai, e em jericó, e na torre de babel, e nas terras de nod, e no sacrificio de isaac, Tens viajado muito, pelos vistos, Assim é, senhor, mas não que fosse por minha vontade, pergunto-me até se estas constantes mudanças que me têm levado de um presente a outro, ora no passado, ora no futuro, não serão também obra tua (...).²²

As portas desta discussão livre abrem-se, antes de serem fechadas, a um poema/soneto com o título *Melancolia*, que não obsta o furor humorístico do nosso romance, da autoria de João de Araújo Correia, que em 1922, com apenas 23 anos, embebido de um existencialismo à flor da pele, questiona o sofrimento desde o tempo de Caim (e até quando?):

Melancolia

Meu pai, que me quer bem, há-de morrer,
E a minha mãe, com ele, à cova irá.
Minha mulher ao pó há-de volver,
E a mim, os olhos, quem mos fechará?
Dia formoso, a noite o cobrirá.
Noite de gozo, o sol fã-la esquecer...
Uma criança acaba de nascer
E ... porque é, Senhor, que chora já?
De quantas flores há no meu jardim
Nenhuma foge à aridez do vento
Que me desfolha desde o berço a mim.
Destas lembranças tiro o sentimento
Da dor que envolve o ser desde Caim
Até ser doce no meu pensamento.²³

Caim é um romance de contradições que humanizam a figura divina e que destaca o pensamento próprio de Caim. Não elogia nem critica Caim. Opõe a fé à razão. Além de ser uma obra de ficção, não raro acrescenta uma visão à mesma história de sempre. Com essa visão original, apela ao pensamento próprio e responsável de todos sobre a grande questão de Deus. Mas também é um manifesto alegórico contra o poder opressivo, mesmo o que não tem rosto, e mais uma revisitação da história, neste caso do início da humanidade, depois de em *O Evangelho segundo Jesus Cristo* ter revisitado o início da história do cristianismo – sempre, num caso e noutra, procurando tocar em aspectos que não foram notados pelos historiadores, isto de uma forma que só a ficção consegue.

A fechar, recorremos ao também ensaísta de maior jaez, Ruy Belo, que um dia, a concluir a análise crítica de um livro, escreveu: “Ler e ajudar a ler foi o que nos propusemos perante esta obra por enquadrar. Não pode ser outra a missão do crítico”.²⁴

Referência

- SARAMAGO, José. *O Evangelho segundo Jesus Cristo*. Lisboa: Caminho, 1997.
- SARAMAGO, José. *Memorial do convento*. Lisboa: Caminho, 2005.
- SARAMAGO, José. *Caim*. Lisboa: Caminho, 2009.
- CORREIA, João de Araújo. *Lira familiar*. Peso da Régua: Imprensa do Douro, 1976.
- BÍBLIA SAGRADA, Editora Verbo, 1982.
- BELO, Ruy. *Na senda da poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002.
- TERRY, Rita. *101 nomes e factos da Bíblia*. Lisboa: Garrido Editores, 2002.

Recebido: 17 março de 2010
Aprovado: 03 maio de 2010

²⁰ Idem, p. 107.

²¹ Epígrafe usada à entrada do *Memorial do convento* (supracitado).

²² SARAMAGO, José. *Caim*. Op. cit., p. 156-157.

²³ CORREIA, João de Araújo. *Lira familiar*. Peso da Régua: Imprensa do Douro, 1976, p. 47.

²⁴ In: *Sobre O Amor Vigilante de Vítor Matos e Sá*, apud BELO, Ruy. *Na Senda da Poesia*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2002, p. 210.